## Design Rio

Ludmilla de Lima (ludmilla.lima@oglobo.com.br), Paula Autran (autran@oglobo.com.br), Rodrigo Bertolucci (rodrigo.bertolucci@oglobo.com.br) e Simone Candida (simone.candida@oglobo.com.br)

# Fachadas ecléticas e paredes de pedra

Caminhando pelas ruas e ladeiras da região, dá para ter esperança de salvação para os casarões. Alguns recuperados se destacam entre outros em ruínas ou em péssimo estado de conservação. Na estreita Rua do Escorrega, próximo à Rua Sacadura Cabral, um casarão de dois andares em azul e branco dá novo charme à ladeira, que serve de acesso ao Morro da Conceição e tem a cara do Rio Antigo. O imóvel é o endereço da empresa de telecomunicações que atua no Porto Maravilha. Na Rua Camerino, há belos exemplares a poucos passos do Jardim do Valongo.

Presidente da Comissão de Revitalização de Imóveis do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon-Rio), Jackson Pereira explica que a grande maioria dos 1.500 casarões levantados pela entidade foi construída entre 1880 e 1930 e possui estilo eclético. Ele acrescenta algumas curiosidades:

— Cerca de 70% têm dois pavimentos, porque o proprietário fazia a loja embaixo e morava em cima. Os mais providos faziam de três pavimentos, e alugavam o último — diz Jackson. — O processo construtivo deles é muito semelhante. São erguidos com paredes de pedra, feitas com óleo de baleia (já que cimento era muito caro), areia e calcário. Como o Rio não tinha jazidas de calcário, usavam conchinhas moídas. As paredes de cima eram de tijolos maciços. Já as paredes internas eram contraventadas, com barrotes de madeira sustentando as estruturas.

Outra característica é a largura estreita desses sobrados, em oposição à profundidade. O motivo é puramente técnico: como as madeiras usadas na sustentação precisavam cruzar a largura da casa, era preciso adequá-la ao tamanho das peças. ●

# Casario integra projeto da área

Muitos dos casarões são adornados com cantaria nas fachadas, especialmente nas janelas. O material vinha da Europa nos navios portugueses, que viajavam vazios ou com poucos produtos e usavam as pedras como lastro. Os telhados eram de barro com claraboias de vidros. Como eram construídos colados uns aos outros, só possuem a fachada.

Do total da Zona Portuária, o Sinduscon calcula que 30% são preservados. Presidente da Comissão de Revitalização de Imóveis do órgão, Jackson Pereira defende que esses corredores sejam voltados para residências, dando vida à região. E faz um alerta:

— Se o Porto virar só prédios comerciais e museus, vamos ter uma Dubai cercada de Calcutá. A minha grande briga é restaurar e transformar esses casarões em habitação. Não sei quanto tempo isso vai levar. Esse processo de recuperação é um trabalho de formiguinha.

O presidente da Cdurp, Alberto Silva, diz que vêm sendo oferecidos incentivos para que os imóveis de valor histórico (fachada e telhados) sejam recuperados. Um deles é o perdão da dívida de IPTU. Ele acredita que a revitalização do conjunto dá os primeiros sinais:

— A região começa a mostrar os resultados desses estímulos. Isso induz outros proprietários a olhar o potencial desses imóveis e a cuidar melhor deles. É fundamental que esse casario integre o projeto de revitalização da região.

Para Alberto, quanto mais residências e mistura de atividades nesses endereços, melhor:

— Na nossa visão, o que deve predominar é a ocupação residencial. Queremos evitar uma concentração muito grande de bares e restaurantes num só local, porque isso torna o lugar não muito agradável para se morar. ●